

A questão da violência no Brasil segundo o The New York Times

The issue of violence in Brazil according to The New York Times

Maria Aparecida Ramos da SILVA¹
Isa de Oliveira TEIXEIRA²

Resumo

Este artigo objetiva analisar a relação entre o Brasil e a violência retratada pelo website do jornal The New York Times, tendo como contexto os jogos da Rio 2016. Considerando a questão da violência como um estereótipo frequentemente relacionado ao Brasil pelo imaginário estrangeiro. Enquanto metodologia foi adotada a análise de conteúdo com base nos conceitos de Laurence Bardin, que guiaram para a conclusão de que a publicação de Nova Iorque ao invés de trazer novos conceitos que alterassem a genérica visão estrangeira sobre o país reforçou o velho estereótipo de um Brasil violento.

Palavras-chave: Brasil. Violência. The New York Times. Rio 2016. Estereótipo

Abstract

This article has the purpose of analyzing the relation between Brazil and the violence portrayed by the website of The New York Times, considering as context the Rio 2016 games. In view of violence as a stereotype often linked to Brazil by the foreign notion. As methodology it was adopted the content analysis considering the concepts of Laurance Bardin, which led to the conclusion that the publication of New York instead of bring new concepts that would alter the generic view abroad, about the country, reinforced the old stereotype of violent Brazil.

Keywords: Brazil. Violence. The New York Times. Rio 2016. Stereotype

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - da UFRN. E-mail: cidaramoss@gmail.com

² Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo - UFRN.
E-mail: isa.teixeira2007@hotmail.com

Introdução

Quando falamos em Brasil dentro de um contexto internacional, imediatamente certos estereótipos estão vinculados a imagem do país, como: futebol, carnaval e a violência, o último podendo ser encarado como uma representação mais negativa da imagem brasileira.

São conceitos que embora não sejam uma invenção, não representam a imagem completa do país, pelo contrário, são limitados por um ponto de vista. Nesse caso o ponto de vista dos jornais que permeia desde critérios de noticiabilidade estabelecendo as prioridades de temáticas a serem noticiadas e as quais assuntos sobre o Brasil não são normalmente vistos como uma prioridade, até noções culturais dos países de origem dos jornais.

A noção da violência como um estereótipo brasileiro vem ganhando força desde a segunda metade do século XX de acordo com um levantamento realizado por Buarque (2015), que compara a cobertura internacional das copas do mundo de 1950 e 2014, ambas ocorridas no Brasil. Segundo o estudo, a relação entre Brasil e violência cresceu de 2% para 10% em um universo de mais de três mil matérias analisadas.

É bem verdade que o Brasil já há algum tempo busca se desvencilhar desses estereótipos. Sua perceptível ascensão econômica que o colocou em 2011, como a sexta maior economia do mundo³, embalou o desejo de mudança, atrelado à confirmação do país como sede dos dois maiores eventos esportivos do mundo: Copa do Mundo FIFA 2014 e as Olimpíadas de Verão Rio 2016. Ambos eram considerados oportunidades de o país poder ampliar a sua imagem para além dos velhos estereótipos.

Nesse contexto, o presente trabalho volta-se para o noticiário internacional, aqui representado pelo website do influente jornal The New York Times, tendo como objetivo analisar o modo como o jornal abordou a relação entre o Brasil e a questão da violência.

Como recorte foi adotado o período dos Jogos Olímpicos de Verão Rio 2016, ocorrido entre os dias 05 e 21 de agosto de 2016, justificada pela enorme visibilidade

³ Carta Capital, disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/brasil-sexta-economia-do-mundo>, acessado em 17 de maio de 2017.

mediática do evento o qual o Brasil tornou-se o primeiro país da América do Sul a sediá-lo, bem como, o momento de crise político-econômica vivenciada pelo Brasil nos últimos anos e que teve um de seus momentos mais críticos em 2016 em meio ao processo de impeachment da, até então, presidente Dilma Rousseff.

Sendo assim, foram selecionadas cinco matérias obedecendo aos seguintes critérios:

1. Veiculação durante o período das Olimpíadas através da seção Rio 2016, criada pelo NYtimes.com especialmente para a cobertura do evento;
2. Foram matérias que tiveram como foco a questão da violência no Brasil, estando as Olimpíadas como tema de contexto;
3. Onde predominaram o estilo texto em detrimento de infográficos, fotos ou vídeos, considerando que demais estilos iriam requerer outros tipos de metodologias provavelmente mais ligadas a semiótica, no caso das imagens;
4. E foram assinadas por jornalistas estrangeiros.

A análise seguiu como metodologia foi adotada a análise de conteúdo seguindo os preceitos de Bardin (2010).

Laurence Bardin em *Análise de Conteúdo* (2009, p. 40) define a metodologia como “o conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. O estudo recebeu influências da hermenêutica, lógica e retórica, tendo surgido nos EUA, no início do século XX, acompanhando a evolução da imprensa.

A análise de conteúdo vem se desenvolvendo e ganhando cada vez mais importância ao longo do tempo, podendo ser aplicada em diversos materiais: entrevistas, livros, artigos, matérias jornalísticas, discursos políticos, dentre outras.

A evolução dos jornais e como o fator geopolítico influencia o noticiário estrangeiro

As origens do jornalismo e o papel do jornalista são questões que sempre geram muito debate e variadas percepções. Para Natali (2004), o jornalismo já nasceu

internacional, em pleno mercantilismo, fruto da necessidade dos comerciantes de divulgar informações relevantes sobre seus negócios para possíveis clientes pela Europa.

Enquanto Pena (2013, p. 23) é relativo ao afirmar “que a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer”. O autor enxerga o jornalista como aquele que supera limites, que ousa em busca do que lhe dá segurança e estabilidade, o conhecimento.

Já Kunczik (2002) ao tratar do jornalismo no ocidente, estabelece certa dicotomia nas suas funções. O autor prega a existência de dois papéis opostos do jornalista: o de transmissor neutro da informação e o de denunciante da corrupção.

Com o passar dos anos as constantes evoluções tecnológicas alteraram o modelo de produção de um jornal bem como a dinâmica do jornalista. Habermas (2003) e Marcondes Filho (2000) retratam bem essas diferenças por meio da elaboração de quatro fases do jornalismo, que vão desde um período mais artesanal com notícias escritas a mão até o período atual regido pelas múltiplas possibilidades de comunicação permitidas pela internet.

Todo o ambiente redacional se transforma. Os terminais de vídeo substituem a máquina de escrever, a gráfica separa-se fisicamente da redação, a diagramação deixa de ser manual para ser eletrônica, o texto passa a ser virtual: uma imagem na tela que é ao mesmo tempo distribuída, mexida, adaptada segundo a dinâmica da própria página. (HOHLFELDT, VALLES, 2008, p. 79 apud MARCONDES FILHO, 2000, p. 35).

E esse novo jornalismo marcado por grandes transformações, por ser um momento atual, é a realidade de todos os jornais que seguem em circulação.

Dentro dessa perspectiva as transformações tecnológicas que não apenas provocaram mudanças nos jornais como também no mundo, possibilitaram um aumento no número de notícias e de leitores a um nível hoje global. Gerando o surgimento e multiplicação de editorias jornalísticas que divididas por temas visam otimizar o trabalho dos profissionais, dentre elas se encontra a editoria internacional.

Acerca do trabalho realizado pelo redator dessa editoria, Natali (2004, p. 5), o descreve como um jornalista “que tem pouco acesso direto às fontes que estão na

origem da informação publicada”. Havendo a intermediação das agências de notícias, dos jornais estrangeiros, mais precisamente daqueles localizados no país de onde vem a notícia, e dos veículos que fornecem fotografias e infográficos.

Vale ressaltar que, ao tratar de editoria internacional, Natali (2004) se refere ao âmbito da Política Internacional, acreditando que assuntos relacionados a outras temáticas, mesmo dentro de um contexto internacional, são tratados pelo profissional da editoria em questão.

Esse volume de notícias com o passar dos anos vem se tornando cada vez maior, fruto da crescente evolução tecnológica e da globalização que permite o acesso frequente e rápido a informações de toda parte do mundo.

Os critérios de noticiabilidade e valores-notícia, dessa editoria são, portanto, mais estritos e muito influenciados por questões geopolíticas. Nesse contexto, Natali (2004) estabelece quatro temáticas mais atrativas ao noticiário internacional: guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas.

Também é preciso, segundo o autor, considerar o local de onde chegam esses acontecimentos, a influência internacional costuma ser um fator importante na seleção dos fatos. Nesse contexto, países mais ricos e influentes como os EUA costumam ter um maior protagonismo no noticiário do que outros considerados menos influentes como o Brasil ou a América Latina como um todo.

A consequência disso é negativa para esses “coadjuvantes”, pela falta de espaço poder acarretar uma visão genérica da realidade, criando ideias que não retratam verdadeiramente o país e aí surgindo noções estereotipadas que aos poucos, pela frequência com que são veiculadas e pela falta de uma ampliação de temáticas, acabam sendo fortemente vinculadas a imagem do país em questão, como a ideia do Brasil enquanto país violento.

Considerando a mídia como um agente formador de opinião, as visões que ela reporta independente de serem ou não verdadeiras têm grande possibilidade de serem assimiladas por seus leitores e tomadas como verdade, sendo assim responsáveis pelo conhecimento de mundo desses leitores e até de outros jornais que por ventura tenham o veículo em questão como modelo.

A revolução digital no The New York Times

Fundado em 18 de setembro de 1851, por Henry Raymond e George Jones, o The New York Times, ou simplesmente Times, atualmente é o segundo jornal de maior circulação dos EUA, atrás apenas do The Wall Street Journal, e um dos 25 mais lidos do mundo.⁴ Ao longo de seus mais de 100 anos de história, o jornal atravessou várias fases do jornalismo em meio a muitos acontecimentos que mudaram o jornal, os EUA e o mundo como um todo.

O Times dos primórdios pode ser enquadrado em algum lugar entre a primeira e a segunda fase do jornalismo de Habermas (2003). Com um viés mais literário que jornalístico, o Times da época surgia embalado pela ascensão editorial de Nova Iorque. Albert e Terrou (1990, p. 47) definem o Times da época como “um jornal bem-escrito, com rubricas bem-cuidadas e que dava grande importância aos gostos literários e às necessidades de seus leitores”.

Como grande parte dos jornais dos EUA, o Times prosperou com a Guerra de Secessão. Apesar disso, o sucesso só veio a surgir anos depois, sob o comando de Adolph Orchs, que deu o status que o jornal detém até hoje e motivou sua entrada na terceira fase do jornalismo de Habermas (2003).

O Times era a bíblia, surgindo a cada manhã com uma visão da vida que milhares de leitores aceitavam como se fosse a realidade, com base na simples teoria de que o que aparecia no Times devia ser verdadeiro, e essa fé cega transformava em monges muitos homens do jornal. (TALESE, 2000, p. 19).

Talese (2000, p. 19) descreve o jornal como um “reino medieval com suas próprias leis e valores particulares” sendo seu diferencial e provável segredo do sucesso.

A entrada do Times no meio digital fazendo surgir o NYtimes.com foi lenta tendo sido iniciada em 1994 com o lançamento da primeira versão do website chamada de @times. E surgiu da necessidade do veículo de se adaptar as novas mudanças

⁴ ANJ – Associação Nacional de Jornais. Disponível em: <http://www.anj.org.br/os-100-maiores-jornais-do-mundo-2/>, acessado em 12 de abril de 2017.

tecnológicas. Com o tempo novas atualizações foram feitas no website, o jornal lançou em 2006 a primeira versão *mobile* e aderiu ao Twitter no ano seguinte entrando assim no meio das redes sociais digitais. A partir de 2010 o jornal implantou o sistema *paywall*⁵, uma ferramenta mais tarde adotada por outros jornais ao redor do mundo e que se revelou uma opção lucrativa de gerenciar os acessos aos conteúdos do website. (NAFRÍA 2017).

Essas mudanças também ocorreram no fazer jornalístico do jornal que, como colado por Nafria (2017), tornou-se cada vez mais visual apostando consideravelmente em recursos multimídia como: infográficos, vídeos e imagens em alta resolução.

A Rio 2016 foi uma oportunidade para o jornal testar um novo formato de cobertura jornalística, mais interativo e informal visando uma maior aproximação com os leitores⁶. Coube ao editor de esportes do jornal, Sam Manchester, a tarefa de mandar via SMS pequenas informações em texto, fotos e *GIFs* sobre as Olimpíadas para aqueles que assinaram o serviço via celular digitando RIO para o número 63937. Segundo o Times, o editor funcionaria como um guia trazendo os bastidores dos melhores momentos das Olimpíadas.

As Olimpíadas também provou-se uma oportunidade para o jornal realizar uma cobertura jornalística grandiosa convocando profissionais de diferentes especializações e editorias para atuarem como correspondentes internacionais, pautando acontecimentos que iam além dos jogos.

Segundo dados disponibilizados no NYtimes.com através de uma detalhada matéria sobre a cobertura do evento⁷, cerca de 35 jornalistas do Times trabalharam no Brasil durante os jogos. Sendo eles repórteres, editores, fotógrafos e profissionais de apoio na criação de ações interativas como infográficos. O jornal também ganhou uma sede própria por meio de um escritório construído no Parque Olímpico.

O jornal também criou uma seção exclusiva para os jogos, a Rio 2016, com conexões com variadas editorias e subeditorias disponibilizadas no website e chamadas

⁵ Sistema de assinatura digital paga que restringe o acesso gratuito a conteúdos do site.

⁶ Disponível em <http://www.nytimes.com/nyt-to-experiment-with-sms-storytelling-during-summer-olympics/>, acessado em 01 de junho de 2017.

⁷ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2016/08/04/insider/05-Insider-Numbers.html>, acessado em 05 de junho de 2017.

de “seções”. Esse método de criar uma seção própria para um acontecimento é inclusive comum ao jornal e foi repetido meses depois com a *Elections 2016*, para a cobertura das eleições presidenciais nos EUA.

Em função dessa revolução digital, ou como coloca Nafria (2017) “reinvenção” que colocou o Times em uma posição pioneira dentro do processo de fazer jornalístico a partir da internet, o que muitos denominam de webjornalismo ou ciberjornalismo, justifica-se a escolha do jornal como objeto da análise considerando não apenas sua grandiosa trajetória no impresso como a que vem sendo traçada de forma igualmente bem-sucedida no digital, tornando-o uma mídia completa e influente.

Uma cidade cansada do crime

As matérias analisadas se passam no Rio de Janeiro e tratam exaustivamente da questão da violência urbana, colocada como um dos maiores desafios do Brasil para conseguir de forma bem sucedida sediar a Rio 2016.

Em meio a execução dos Jogos Olímpicos, o jornal apresentou um Rio de Janeiro extremamente militarizado, tendo recebido reforços do exército para conter, segundo o Times, a alta criminalidade, esse sendo o ponto de foco das duas primeiras matérias. Para reforçar o estereótipo de violência, o jornal faz uso de alguns elementos: sua própria visão atrelada a frases de efeito, visão dos brasileiros, visão de especialistas, dados estatísticos e menção a episódios de violência.

Logo no início da primeira matéria ‘Força de segurança com 85,000 tropas preocupa direitos ativistas’⁸ que será chamada de matéria 1, o jornal para defender sua posição e assim reforçar o estereótipo de violência, utiliza-se logo no começo da reportagem de uma frase de impacto que funciona muito bem no sentido de captar e chocar o leitor, ambientando o clima de medo no Rio. “Se combater batedores de carteira fosse uma modalidade olímpica na edição atual dos Jogos de Verão, as

⁸ Tradução nossa. Versão Original: Security Force of 85,000 fills Rio Unsettling Rights Activists. Disponível em: https://www.nytimes.com/2016/08/08/world/americas/rio-olympics-crime.html?_r=0, veiculado em: 07 de agosto de 2016.

autoridades brasileiras estariam qualificadas para uma medalha” (Matéria 1, 07.08.16, tradução nossa).

Algo semelhante é feito na segunda matéria, ‘O Rio nunca se sentiu tão seguro, mas o que acontece após os jogos?’⁹ que será chamada de matéria 2, com o Rio de Janeiro sendo classificado como uma cidade “cansada do crime” e com uma reputação de “crimes violentos”.

O Times parece interpretar o reforço militar muito mais como um esforço do governo brasileiro para não envergonhar o país diante do exterior, do que a uma genuína preocupação com o bem estar da população e turistas: “mas o recente aumento de crimes de rua é o que tem deixado os oficiais e residentes mais preocupados, temendo que um embaraçoso ato de rebeldia possa prejudicar o orgulho e a euforia que tem tomado conta desde o início dos Jogos de Verão, na semana passada” (Matéria 1, 07.08.16, tradução nossa).

Além de se valer de sua própria visão, o jornal também procurou moradores brasileiros para reforçar esse estereótipo. Dois residentes do Rio de Janeiro ouvidos pelo Times afirmaram se sentirem mais seguros com a presença dos militares: “esta cidade nunca esteve tão segura”, “poderia ser muito pior (sem eles)” (Matéria 2, 15.08.16, tradução nossa). O que também promove um impacto negativo para a polícia, mesmo que nesse caso o argumento não esteja explícito, o reforço militar atrelado ao apoio da população, pode implicar uma ideia de que a polícia não está sendo competente no seu trabalho.

Já uma turista de Brasília ouvida, foi a única a expressar uma opinião contrária aos militares indicando que o reforço dos soldados não contempla as áreas menos favorecidas, a exemplo de um bairro no norte do Rio onde ela esteve hospedada e avistou um jovem armado “até onde eu pude perceber nada mudou” (Matéria 2, 15.08.16, tradução nossa).

O jornal ouviu residentes brasileiros pertencentes a classes sociais distintas, aqui identificadas pela profissão “vendedor de cachorro quente” e bairro de moradia

⁹ Tradução nossa. Versão original: Rio ‘Has Never Felt So Safe’ But What Happens After the Games?. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/08/16/world/americas/rio-olympics-crime.html?ref=collection%2Fnewseventcollection%2Frio-olympics-2016>, veiculado em 15 de agosto de 2016.

“Copacabana”, “Acari”, este último classificado como um bairro pertencente “a classe trabalhadora”, demonstrando uma preocupação em promover opiniões advindas de variados pontos de vista, embora essa seja a única matéria onde o status social dos residentes foi evidenciado.

A própria escolha de ouvir o considerado cidadão comum mostra um interesse em ir além das fontes institucionais, o que, atrelado a diferença social entre os entrevistados, pode ajudar o Times a fundamentar sua ideia promovendo uma impressão de imparcialidade do jornal na escolha de suas fontes e, portanto, levando a uma visão genérica de que todos os brasileiros, independente da classe, reconhecem a violência, e que a maioria se sente mais seguro com os militares, sendo pior sem eles.

Nesse sentido, o estereótipo é um conhecimento imediato e superficial, ganhando em tempo o que perde em profundidade (...) O estereótipo não é uma representação errada, mas uma caricatura. Tem sentido positivo desde que se esteja consciente dessas limitações. Quando a representação toma o lugar do representado o estereótipo ganha a força de dogma e se converte em preconceito. (MARTINO, 2009, p. 21-22).

Portanto, ao reforçar a noção estereotipada de violência, o Times já promove aqui uma ideia preconceituosa do Rio de Janeiro e conseqüentemente do Brasil.

O jornal ainda procurou opiniões mais especializadas como a de uma especialista em segurança pública que afirmou que as tentativas de promover a segurança não chegam, no entanto, às áreas mais pobres da cidade. Em contrapartida o vice-presidente da Associação Nacional de Policiais foi ouvido e defendeu o trabalho da corporação no Rio, ambas as fontes referentes a matéria 2.

O Times também utilizou dados estatísticos. A matéria 1, por exemplo, expõem dois dados. O primeiro cita um aumento de 81% nos casos de roubos ocorridos nas ruas em junho de 2016 em relação ao mesmo mês em 2015. Porém, a matéria não expõe quais são as fontes dessas informações e, portanto, é um argumento prejudicado pela falta de uma fonte que lhe conceda credibilidade. Além disso, é relatado que segundo especialistas muitas das vítimas não chegam a realizar denúncias pela descrença na polícia, instituição mais uma vez criticada pelo jornal.

O segundo dado é referente a Anistia Internacional no Brasil revelando que 20% dos homicídios cometidos no Rio de Janeiro são de responsabilidade da polícia, sendo a maioria das vítimas homens negros. Evidenciando, portanto, uma diferença na postura dos policiais com os residentes dentro do âmbito social.

O contexto das críticas tanto da Anistia Internacional como de outras fontes ligadas ao ativismo consultadas pelo jornal ao longo das matérias, deixa subentendido de que essa porcentagem faz referência a classe pobre carioca. E nesse caso a informação funciona como uma crítica direta a polícia, não em relação a sua competência, mas a sua ética.

Ainda na matéria 1, o problema da segurança pública é, de acordo com o jornal, agravado por uma crise orçamentária do governo carioca com atrasos no pagamento dos policiais. Na ocasião, um oficial da polícia foi ouvido e, além da questão dos salários, denunciou as precárias condições de trabalho as quais os oficiais estão submetidos, sendo, portanto, um dos poucos momentos em que o jornal sede espaço para a versão da polícia. Apesar disso é uma ação insuficiente para rebater de forma competente as críticas à instituição, considerando que elas são maioria nas matérias.

Escolhemos contar ao interlocutor alguns fatos e esconder outros conforme a situação. Valorizamos um episódio de nossas vidas, um momento de valentia, por exemplo, enquanto discretamente eliminamos outro. (MARTINO, 2010, p 8-9).

A forma como o Times escolheu distribuir suas fontes favorece uma visão contrária à polícia, isso, porém, não significa que seja a versão completa dos fatos.

O jornal também expõe a mídia brasileira afirmando que os veículos “tendem a se concentrar em assaltos de rua ou atos de violência que ocorrem nos bairros ricos da cidade”. (Matéria 1, 07.08.16, tradução nossa). Portanto, assim como ocorrido com os policiais, o jornal também evidencia uma diferença na postura dos veículos de comunicação brasileiros aqui diretamente relacionado às regiões ricas e pobres.

Outro método utilizado pelo Times a fim de valer seu ponto de vista foi a citação de crimes que ocorreram durante os jogos. O jornal é enfático ao afirmar que “uma série de crimes” já ocorreram durante o evento, a maioria assaltos, o Brasil assim “falhando

em promover segurança para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro” (Matéria 2, 15.08.16, tradução nossa).

Uma das vítimas sendo o Ministro português de Educação, Tiago Rodrigues. O crime ocorreu em Ipanema no primeiro dia de jogos. Dos casos, no entanto, apenas um recebeu maior atenção do jornal em função principalmente de seus polêmicos desdobramentos: o caso envolvendo quatro nadadores da delegação dos EUA, a ser tratado mais a frente.

Até aqui, portanto, foi construído de maneira exaustiva um *ethos* do Rio de Janeiro como uma cidade violenta. Geertz (1989, p. 93) tendo como base a perspectiva religiosa, classifica *ethos* e visão de mundo como sendo respectivamente elementos valorativos e cognitivos de uma cultura. *Ethos* é “o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético”. E a visão de mundo é “o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade”, sendo ambos essenciais na cultura de todas as religiões.

Trazendo esse conceito para análise e considerando a violência como um estereótipo que o Brasil tentava desmistificar na Rio 2016, o feito até o momento não foi conquistado, com o jornal reforçando esse *ethos* que já existia dentro da visão de mundo que se tinha do país.

Além disso, é importante lembrar que esse processo também pode vir a perpassar os leitores do Times, considerando a influência do jornal. Conforme colocado por Martino (2010, p. 14), “as identidades contemporâneas passam pela mídia, se articulam com as pessoas e se transformam em novos modelos de compreensão”, ou seja, a visão que os leitores do Times desenvolvem acerca da identidade cultural brasileira, considerando aqueles com nenhuma proximidade ou experiência prévia no país, perpassa os conceitos construídos e replicados pelo jornal.

Já as três últimas matérias focam especificamente no caso do assalto envolvendo quatro nadadores dos EUA, único caso do gênero que obteve grande atenção do Times.

Os nadadores inicialmente alegaram terem sido abordados por oficiais da polícia armados enquanto deixavam uma festa no Rio na madrugada do dia 14 de agosto e que os oficiais teriam exigido dinheiro aos atletas. Por se tratar de um veículo dos EUA era

esperado que o jornal optasse por abordar o tema dentro da perspectiva da delegação norte-americana. No entanto, chama atenção a mudança drástica de discurso do jornal, percebida a partir da forma como as fontes são articuladas.

Na matéria ‘Ryan Lochte e três companheiros de time são assaltados à mão armada’¹⁰, que vamos nos referir como matéria 3, prevalece a ideia de que o episódio do assalto é verídico, com apenas duas fontes, das sete contatadas, se opondo a alegação de assalto. Sendo elas um porta-voz do Comitê Olímpico Internacional e o Ministro brasileiro do Esporte, Leonardo Picciani. Fontes ligadas ao Comitê Olímpico dos EUA e um dos nadadores, Ryan Lochte, ocupam espaços significativos na matéria fornecendo as principais informações da notícia.

Ainda na matéria 3, o estereótipo de violência é mais uma vez reforçado, a partir da afirmação de que o crime já era uma preocupação prioritária antes mesmo do início dos Jogos Olímpicos e da menção de dois novos casos de assalto envolvendo atletas e dois treinadores australianos.

Na maior parte das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos. Na grande confusão florida e zunzunte do mundo exterior colhemos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura. (LIPPMANN, 1972, p. 151, apud ROSSETTO, 2013, p. 8).

Uma visão que se encaixa perfeitamente no colocado por Martino (2009) anteriormente, o reforço do estereótipo de violência pelo Times perpassa uma interpretação com base nos conceitos prévios que o jornal já tinha sobre o país, referente a sua visão de mundo.

Na matéria ‘Nadadores americanos são retirados de avião no Rio’¹¹ que vamos nos referir como matéria 4, os questionamentos acerca do assalto aumentam com dois

¹⁰ Tradução nossa. Versão original: Ryan Lochte and Three Teammates Robbed at Gunpoint. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/08/15/sports/olympics/ryan-lochte-and-three-teammates-robbed-at-gunpoint.html>, veiculado em: 14 de agosto de 2016.

¹¹ Tradução nossa. Versão original: American Swimmers Pulled Off Plane in Rio. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/08/18/world/americas/ryan-lochte-rio-olympics.html>, veiculado em: 17 de agosto de 2016.

dos nadadores envolvidos no caso terem sido retirados do voo para os EUA pela Polícia Federal.

Enquanto o Comitê Olímpico dos EUA continua a ser uma fonte importante, a justiça brasileira ganha espaço através de uma juíza que questiona o comportamento calmo dos nadadores após o incidente, bem como, evidências de incoerência nas versões contadas por Ryan Lochte para a polícia e para uma emissora norte-americana. Ao mesmo tempo, o jornal não abre mão de novamente criticar a polícia.

Segundo o Times não é incomum assaltos envolvendo policiais. O jornal cita o caso de um lutador de jiu-jitsu da Nova Zelândia que, pouco antes do início dos Jogos, teria sido sequestrado e roubado por oficiais da polícia.

O Times ainda afirma que o caso dos nadadores gerou um grande embaraço para o Brasil, “ressaltando preocupações de longa data sobre a realização dos Jogos em uma cidade assolada pelo crime como o Rio de Janeiro”. (Matéria 4, veiculada em 17.08.16, tradução nossa), reafirmando a preocupação brasileira com a própria imagem, anteriormente levantada na matéria 1.

O jornal também avalia que a possibilidade do assalto ter sido criado pelos nadadores teria enfurecido os brasileiros. Como exemplo, o Times cita um Twitter da jornalista Mariana Godoy. “Ele saiu de uma festa e foi para outra festa e não quis contar sobre isso para a mamãe?” (Matéria 4, veiculado em 17.08.16, tradução nossa).

O jornalista é considerado um agente neutralmente distanciado para poder transmitir a informação com objetividade e ética profissional (...). O defensor por outro lado é conceituado como o paladino de certos grupos socialmente abandonados e que, por si mesmos, não podem representar seus interesses como o Quarto Poder, impedindo o abuso de poder. (KUNCZIK, 2002, p. 98).

A colocação da jornalista estabelece de imediato um paralelo entre a posição que a mídia brasileira desempenha, segundo o Times, na matéria 1 e na matéria 4.

Considerando os conceitos de Kunczik (2002), enquanto no primeiro caso os veículos brasileiros são retratados obedecendo uma postura contrária a da população a partir do momento em que discriminam bairros pobres cariocas diante da divulgação de crimes, no segundo momento Godoy é colocada em uma posição favorável à população diante do caso dos nadadores. Mesmo que compartilhe de um pensamento contrário ao

do Times, nesse contexto ela funciona como uma defensora das ideias da população brasileira. Em ambos os casos a mídia brasileira não atua como um agente neutro.

Já na matéria ‘Caso de assalto envolvendo os nadadores americanos gera tensão no Brasil’¹², que vamos nos referir como matéria 5, a mudança na articulação das fontes é ainda mais drástica com 11 fontes consultadas sendo que apenas uma corrobora com a versão inicial de assalto contada pelos nadadores. Além disso, a justiça brasileira ganha ainda mais espaço através do delegado Fernando Veloso. Suas declarações durante uma coletiva de imprensa sobre o caso estão distribuídas por toda a matéria.

A reportagem também aborda uma discussão sobre privilégios. Para isso o Times ouviu um especialista, o vice-presidente da Americas Society and Council of the Americas¹³, Brian Winter. Segundo a fonte, a notícia mexeu com o ponto fraco dos brasileiros, “gringos que tratam o país como um destino de férias no terceiro mundo onde você pode mentir para a polícia e sair impune” (Matéria 5, veiculada em 18.08.16, tradução nossa).

A declaração foi seguida de outras vindas de residentes do Rio e que novamente evidenciam a grande preocupação brasileira com a própria imagem: “os nadadores aproveitaram a bagunça que existe por aqui para denegrir a cidade”, “esses estrangeiros pensam que são superiores a nós, que podem vir aqui, fazer a bagunça, mentir sobre isso e manchar a imagem do Brasil”. (Matéria 5, veiculada em 18.08.16, tradução nossa). Um pedido de desculpas vindo do Comitê Olímpico dos EUA aos brasileiros também foi veiculado.

Assim, o caso específico dos nadadores aparece como uma situação já esperada como consequência do estereótipo de violência previamente formulado pelo jornal, talvez por esse motivo inicialmente pouco se tenha questionado a versão dos atletas.

Os inesperados desdobramentos do caso forçaram o Times a gradativamente mudar sua postura adotando uma posição contrária a versão dos nadadores. Embora esse posicionamento se dê muito mais em função de como o jornal distribui as fontes do que

¹² Tradução nossa. Versão original: U.S Swimmers Disputed Robbery Claim Fuels Tension in Brazil. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/08/19/sports/olympics/police-say-ryan-lochte-lied-about-gunpoint-assault.html>, veiculado em: 18 de agosto de 2016.

¹³ Organização dedicada a estudar e debater questões políticas, econômicas e sociais relativas ao continente americano.

a um pensamento autônomo do veículo, somente expressado pelo mesmo ao tratar o Rio de Janeiro como uma região violenta, a exemplo de um momento na matéria 4 em que afirma que a cidade é “assolada pelo crime”.

Além disso, a forma absolutamente parcial com que o Times distribui as fontes tanto no caso dos nadadores, quanto nas referências a polícia nas duas primeiras matérias, o coloca em uma posição semelhante ao retrato da mídia brasileira quanto a um dos conceitos de Kunczik (2002), ambos não atuam como agentes neutros na construção das informações. Além disso, a atitude do jornal também vai de encontro a um dos grandes princípios de Adolph Orchs, o midas do Times que prezava por um jornal “imparcial e completo – que não macule a toalha do café da manhã”. (TALESE, 2000, p. 06).

Considerações finais

Com base na análise é possível dizer que o Times fez pouco para alterar a imagem estereotipada do Brasil em relação a violência. O jornal reforçou esse estereótipo diversas vezes ao longo das cinco matérias, tendo a polícia se transformado no fator chave e a imagem do Rio de Janeiro, enquanto cidade sede dos Jogos, tendo representado o país.

A polícia foi colocada pelo jornal como a grande vilã dentro do contexto de insegurança no Rio de Janeiro. Seja por meio de fontes consultadas ou por constatação própria do Times, a instituição foi mostrada como dona de um trabalho ineficaz para promover a segurança que, por consequência, levou ao reforço militar aprovado pela maioria da população.

Outra crítica a instituição está na sua ética, sendo mostrada como uma polícia violenta responsável por uma parcela significativa dos homicídios cometidos na cidade, que segrega por seu trabalho supostamente não chegar as áreas pobres da cidade e pela maioria de suas vítimas serem homens negros. E por consequência ser alvo de desconfiança da população.

A polícia também serviu dentro do formulado pelo Times, como um reflexo da crise político-econômica brasileira, que aparece na matéria 1 por meio da informação de que o governo carioca estava atravessando uma crise orçamentária resultando no atraso dos salários dos policiais, em um dos poucos momentos em que o jornal cedeu espaço para a versão da corporação.

O reforço militar tão debatido nas duas primeiras matérias surge como uma tentativa também ineficaz de promover a segurança, anulada pelos crimes cometidos durante o evento e divulgados pelo jornal.

O caso dos nadadores americanos que acabou por promover uma situação curiosa em que o Times foi forçado a rever o seu discurso, não serviu como um significativo ponto positivo. A imediata aceitação do fato pelo Times na matéria 3, primeira a veicular com detalhes o caso, demonstrou o quão preso ao estigma de país violento o jornal estava. Enquanto as reações negativas dos brasileiros ao caso, serviram para atenuar uma ideia de povo excessivamente preocupado com a própria imagem, que vinha sendo formulada desde a matéria 1.

Sobre a posição dos enviados especiais, é interessante perceber que a Rio 2016 se enquadra em uma situação de exceção para o retratado por Natali (2004), considerando que jornalistas de várias áreas fizeram parte dessa cobertura e atuaram diretamente com a notícia, indo inclusive para além da zona olímpica.

Assim, levando em conta a perspectiva do Times em relação ao estereótipo de violência mostrado nas cinco matérias analisadas, a Rio 2016 provou-se uma oportunidade fracassada de avanço no que concerne uma alteração mais significativa e positiva da imagem brasileira no exterior.

Referências

ALBERT, Pierre; TERROU, Fernand. **A história da imprensa**. São Paulo: editora LTDA, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BUARQUE, Daniel. **One Country, two Cups – the international image of Brazil in 1950 and in 2014: a study of the reputation and the identity of Brazil as projected by**

the international media during the two FIFA World Cups in the Country. Londres, King's College London: International Journal of Communication, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: editora LTC, 1989.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo Norte e Sul**. São Paulo: editora Edusp, 2002.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**, Rio de Janeiro: editora Vozes, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. comunicação e jornalismo. 2ªed. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **A pesquisa em comunicação**. In: Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: editora Vozes, 2009, p. 19-45.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade: Quem você pensa que é?**, São Paulo: editora Paulus, livro digital, 2010.

NAFRÍA, Ismael. **La reinención de The New York Times**: cómo la “dama gris” del periodismo se está adaptando (com éxito) a la era móvil. Universidade do Texas em Austin: Knight Center for Journalism in the Americas, livro digital, 2017.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**, Edição digital, São Paulo: editora Contexto, livro digital, 2004.

NEW York Times. **NYtimes.com**. Disponível em:< <https://www.nytimes.com/>>

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: editora Contexto, 2013.

ROSSETTO, Luciana Pelaes. Cobertura do conflito entre brasileiros e camponeses no Paraguai na Folha de S. Paulo, Salto, SP, **Anais XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2016.

TALESE, Gay. **O reino e o poder**: uma história do The New York Times, São Paulo: editora Schwarcz LTDA, 2000.